



CLAVIS LIBRI · GUIA DE LEITURA

# ROMEU E JULIETA

William Shakespeare · 1597

*Dois jovens de famílias inimigas de Verona se apaixonam, casam em segredo e, em cinco dias, a pressa decide tudo.*

# A OBRA

---

|                 |                                                               |
|-----------------|---------------------------------------------------------------|
| TÍTULO ORIGINAL | The Most Excellent and Lamentable Tragedy of Romeo and Juliet |
| PUBLICAÇÃO      | 1597, primeira edição em in-quarto                            |
| GÊNERO          | Tragédia em cinco atos, com prólogos do Coro                  |
| CENÁRIO         | Verona e, no Ato V, Mântua                                    |
| ÉPOCA           | A Itália do Renascimento                                      |
| NARRADOR        | Não há: peça de teatro, em verso e prosa                      |
| PROTAGONISTAS   | Romeu e Julieta                                               |

## TEMA CENTRAL

Dois jovens de casas inimigas se amam e se casam em menos de um dia, e a peça mostra o que a rixa dos pais faz com essa pressa: cada gesto dos amantes é ditado por um mundo que os obriga a esconder o nome, a passar recados pela Ama e a depender de um frei. Amor e ódio aparecem desde o Prólogo como a mesma matéria. A paz entre as famílias só se faz sobre os corpos dos filhos.

O desastre final não vem de um único culpado: vem de adultos que agem sem ver o que têm diante de si e de uma carta que não chega.

# ENREDO

---

Em Verona, duas famílias de igual nobreza, os Montéquio e os Capuleto, mantêm uma velha inimizade que volta a sujar de sangue as ruas. Dessas casas nascem dois jovens que se amam, e a peça conta em cinco atos como esse amor, vivido em segredo e depressa demais, termina com a morte dos dois e a paz entre os pais.

## ATO I

---

O Prólogo do Coro anuncia a morte dos amantes. Criados das duas casas brigam numa praça, Benvólio tenta apartar, Teobaldo o desafia, e o Príncipe Escalo ameaça de morte quem perturbar de novo a paz (cena 1). Romeu, filho de Montéquio, sofre por Rosalina, que jurou castidade. Capuleto diz a Páris que Julieta, ainda sem catorze anos, é nova demais e que ele deve primeiro conquistar o coração dela, e o convida para o baile daquela noite; o criado que leva os convites não sabe ler e pede ajuda a Romeu, que, ao ler a lista, fica sabendo que Rosalina estará na festa (cena 2). A Senhora Capuleto fala de casamento a Julieta e lhe apresenta Páris como pretendente (cena 3). Romeu, Mercúcio e Benvólio vão mascarados ao baile, e Mercúcio zomba do amor com o discurso da rainha Mab, enquanto Romeu pressente algo funesto (cena 4). Na festa, Romeu vê Julieta e esquece Rosalina; Teobaldo reconhece a voz de um Montéquio e quer matá-lo, mas Capuleto o contém. Os dois conversam, beijam-se, e a Ama os interrompe: cada um descobre que o outro é da casa inimiga (cena 5).

## ATO II

---

O Prólogo avisa que o velho desejo de Romeu morreu e que a afeição nova tem pela frente a rixa das famílias. Romeu pula o muro do pomar dos Capuleto, e Benvólio e Mercúcio o procuram pela rua e desistem (cena 1). No jardim, ele vê Julieta à janela, os dois trocam juras, e ela combina que, se ele pensa em casamento, responda no dia seguinte, pelo mensageiro que ela enviará às nove, com o lugar e a hora (cena 2). Ao amanhecer, Romeu pede a Frei Lourenço que os case no mesmo dia; o frei estranha a pressa depois de Rosalina, mas aceita, na esperança de reconciliar as casas (cena 3). Na rua, Mercúcio e Benvólio sabem que Teobaldo mandou um desafio à casa de Romeu, e a Ama, humilhada por Mercúcio, recebe de Romeu o recado: Julieta deve estar à tarde na cela do frei (cena 4). Julieta espera três horas a volta da Ama e, quando enfim ouve o recado, vai à cela (cena 5), onde Frei Lourenço os leva para a igreja a fim de casá-los (cena 6).

## ATO III

---

Num dia quente, Mercúcio provoca Teobaldo, que procura Romeu. Romeu, já parente dos Capuleto em segredo, recusa o duelo e tenta apartar os dois; Mercúcio é ferido sob o braço dele e morre. Romeu mata Teobaldo e foge, e o Príncipe o bane em vez de condená-lo à morte (cena 1). Julieta, que espera a noite, ouve da Ama a notícia, a princípio confusa, e conclui que a palavra banido pesa mais que a morte do primo (cena 2). Na cela, Frei Lourenço ouve de Romeu que o exílio é pior que a morte, vê-o sacar a espada contra si e arma o plano: passar a noite com Julieta, partir para Mântua antes do amanhecer e esperar o perdão (cena 3). Capuleto, sem ter falado com a filha, fixa o casamento com Páris para quinta-feira (cena 4). Ao amanhecer, os amantes se despedem; a Senhora Capuleto anuncia

o casamento, Julieta recusa, Capuleto ameaça deserdá-la, a mãe a abandona, e a Ama aconselha casar com Páris. Julieta a renega por dentro e vai ao frei, resolvida a morrer se nada mais restar (cena 5).

## ATO IV

---

Na cela, Páris fala do casamento de quinta-feira, e Julieta responde com frases de duplo sentido. A sós com o frei, ameaça se matar, e ele propõe uma poção que a fará parecer morta por quarenta e duas horas, enquanto uma carta avisa Romeu (cena 1). Julieta volta para casa e finge obediência ao pai, que adianta o casamento para a manhã seguinte (cena 2). Sozinha no quarto, ela enumera o que pode dar errado, vê o fantasma de Teobaldo e bebe, brindando a Romeu (cena 3). Antes do amanhecer a casa corre com os preparativos (cena 4), até que a Ama encontra Julieta imóvel e Capuleto a acha fria. Os pais se desfazem em lamentos, Capuleto diz que a morte é seu genro, e o frei, que sabe do plano, manda secar as lágrimas e organiza o cortejo (cena 5).

## ATO V

---

Em Mântua, Romeu recebe de Baltasar a notícia de que Julieta morreu, decide voltar a Verona naquela noite e convence um boticário miserável a lhe vender veneno, apesar da lei que pune essa venda com a morte (cena 1). Frei João volta à cela de Frei Lourenço com a carta devolvida: foi trancado numa casa suspeita de peste e não pôde chegar a Mântua. Lourenço vai sozinho à tumba, onde Julieta acordará em poucas horas (cena 2). No cemitério, Páris espalha flores na tumba de Julieta; Romeu chega para arrombá-la, os dois lutam e Páris morre. Romeu o deita no jazigo, beija Julieta e bebe o veneno. Frei Lourenço chega tarde; Julieta acorda, recusa fugir e se mata com a adaga de Romeu. Vêm a guarda, o Príncipe e as famílias, o frei conta tudo, e Capuleto e Montéquio selam a paz prometendo uma estátua de ouro para cada um dos filhos. O Príncipe fecha a peça: haverá perdão para uns e castigo para outros (cena 3).

# RESUMO E ANÁLISE

## ATO I: A RIXA E O BAILE

### PRÓLOGO

O Coro apresenta duas famílias de igual nobreza em Verona, cuja velha inimizade volta a sujar de sangue as mãos dos cidadãos. Dessas casas nasce um par de amantes de estrela contrária, e a morte deles porá fim à discórdia dos pais. A peça promete duas horas de palco para contar isso.

“A pair of star-cross'd lovers take their life;”, um par de amantes nascidos sob estrela contrária ganha a vida; (Prólogo)

### CENA I: BRIGA DE RUA E ROMEU ABATIDO

Criados das duas casas se provocam numa praça de Verona, e a briga cresce quando **Benvólio** tenta apartar e **Teobaldo** o desafia. **Capuleto** e Montéquio chegam, e o Príncipe Escalo ameaça de morte quem perturbar de novo a paz. Sozinho com **Romeu**, Benvólio ouve que ele sofre por uma mulher que jurou castidade e não aceita esquecê-la.

“O brawling love! O loving hate!”, ó amor briguento! ó ódio amoroso! (I.1)

*Para pensar: Por que dois criados se arriscam numa briga que é dos patrões?*

### CENA II: O PEDIDO DE PÁRIS E O CONVITE

**Capuleto** diz a **Páris** que Julieta, ainda sem catorze anos, é nova demais, e que ele deve primeiro conquistar o coração dela. Convida-o para o baile daquela noite e manda um criado entregar os convites, mas o criado não sabe ler e pede ajuda a **Romeu**. Ao ler a lista, Romeu fica sabendo que Rosalina estará na festa e decide ir.

“woo her, gentle Paris, get her heart, / My will to her consent is but a part”, conquiste-a, gentil Páris, ganhe o coração dela: a minha vontade é só uma parte do consentimento dela (I.2)

### CENA III: A MÃE FALA DE CASAMENTO

A Senhora Capuleto chama **Julieta** e pergunta o que ela pensa de se casar, enquanto **A Ama** se perde em lembranças da infância da menina. A mãe apresenta **Páris** como pretendente e pede que Julieta o observe no baile daquela noite. Julieta responde que olhará para ver se gosta, sem ir além do que a mãe consentir.

“I'll look to like, if looking liking move”, vou olhar para gostar, se o olhar mover o gostar (I.3)

*Para pensar: Como Julieta responde ao interesse de Páris, e que espaço de decisão ela parece ter?*

### CENA IV: RUMO AO BAILE E O DISCURSO DE MERCÚCIO

A caminho do baile, mascarados, **Romeu**, **Mercúcio** e **Benvólio** discutem: Romeu, pesado de tristeza, recusa-se a dançar e quer só carregar a tocha. Mercúcio zomba do amor e descreve em longo discurso como a rainha Mab visita os sonhos de cada um. Romeu, inquieto, pressente que a noite trará algo funesto, mas segue o grupo.

“my mind misgives / Some consequence yet hanging in the stars”, meu espírito pressente alguma consequência ainda pendurada nas estrelas (I.4)

#### CENA V: O BAILE DOS CAPULETO

No baile, **Capuleto** recebe os convidados, e **Romeu**, ao ver **Julieta**, esquece Rosalina. **Teobaldo** reconhece a voz de um Montéquio e quer matá-lo ali mesmo, mas Capuleto o contém e manda deixá-lo em paz. Romeu e Julieta conversam em versos de peregrino e santa e se beijam, até que **A Ama** os interrompe. Cada um descobre, por ela, que o outro é da casa inimiga.

“My only love sprung from my only hate!”, meu único amor nasceu do meu único ódio! (I.5)

*Para pensar: Romeu diz que só agora viu a verdadeira beleza, depois de tanto sofrer por Rosalina: é um amor diferente ou apenas outro objeto para o mesmo desejo?*

#### TEMA CENTRAL

O ato abre e fecha com amor e ódio colados um ao outro. Na primeira cena, Romeu olha a briga recém-acabada e responde com paradoxos, "amor briguento" e "ódio amoroso"; na última, Julieta descobre que o homem que acabou de beijar é filho do inimigo de sua casa e diz que seu único amor nasceu do seu único ódio. A rixa das famílias e o amor dos filhos são apresentados desde o começo como a mesma matéria.

Julieta não aparece como peça de uma negociação passiva. Capuleto diz a Páris que a vontade dele é só uma parte, e que o consentimento dela vale mais; a mãe e a Ama, porém, falam do casamento como honra e vantagem, e Julieta responde com cuidado, prometendo apenas olhar. O espaço de escolha existe, mas é estreito e já vem moldado pelo que a família espera. Quando o amor chega no baile, ele chega contra esse desenho.

O amor de Romeu por Rosalina é mostrado como linguagem pronta: fórmulas de poeta, contradições empilhadas, uma mulher que ninguém vê. Com Julieta, as mesmas imagens religiosas viram um diálogo em que os dois completam o verso um do outro, e a fala dela ("você beija pela cartilha") responde com humor ao que ele diz. A cena mostra o contraste sem explicá-lo. Em torno disso, o pressentimento de Romeu antes do baile e a fala final de Julieta deixam o ato inclinado para o que vem depois.

## ATO II: O JARDIM E O CASAMENTO

#### PRÓLOGO

O Coro anuncia que o antigo desejo de Romeu por Rosalina morreu e que ele e Julieta agora se amam. Ele, porém, é tido como inimigo e não pode jurar amor a ela, que tem ainda menos meios

de encontrá-lo. A paixão lhes dá força, e o tempo lhes dá ocasião de se verem.

“Now old desire doth in his deathbed lie, / And young affection gapes to be his heir”, o velho desejo agoniza em seu leito de morte, e a afeição jovem boceja à espera de ser a herdeira (Prólogo II)

#### CENA I: ROMEU SALTA O MURO DO POMAR

Depois do baile, Romeu não consegue ir embora e pula o muro do pomar dos Capuleto.

**Benvólio** e **Mercúcio** o procuram pela rua, e Mercúcio o convoca com zombarias grosseiras sobre Rosalina, sem saber que a paixão por ela já acabou. Sem resposta, os dois desistem e vão embora.

#### CENA II: DECLARAÇÃO NO JARDIM DOS CAPULETO

No jardim, **Romeu** vê **Julieta** à janela e a ouve lamentar que ele tenha o nome de um Montéquio. Ele se revela, e os dois trocam juras, ela receosa de que tudo seja rápido demais. Julieta combina que, se ele pensa em casamento, responda no dia seguinte, pelo mensageiro que ela enviará às nove, com o lugar e a hora. A despedida se arrasta até quase o amanhecer.

“What’s in a name? That which we call a rose / By any other name would smell as sweet”, o que há num nome? Aquilo a que chamamos rosa, com qualquer outro nome teria o mesmo perfume (II.2)

*Para pensar: Julieta acha que o nome de Romeu não é parte dele: o que o nome de uma família significa para quem nasce nela?*

#### CENA III: ROMEU PEDE CASAMENTO AO FREI

Ao amanhecer, **Frei Lourenço** colhe ervas e medita sobre o veneno e o remédio que cada planta guarda. **Romeu** chega, sem ter dormido, e pede que ele o case com Julieta ainda naquele dia. O frei estranha a mudança tão rápida depois de Rosalina, mas aceita, esperando que a união reconcilie as duas casas, e adverte o rapaz a ir devagar.

“Wisely and slow; they stumble that run fast.”, com sabedoria e devagar; tropeçam os que correm depressa (II.3)

*Para pensar: Frei Lourenço aceita casar os jovens pela esperança de pôr fim à rixa das famílias: é razão suficiente para um casamento feito às pressas?*

#### CENA IV: MERCÚCIO, ROMEU E A AMA NA RUA

Na rua, **Mercúcio** e **Benvólio** sabem que Teobaldo mandou um desafio à casa de Romeu. Quando **Romeu** chega, os três trocam trocadilhos. **A Ama** aparece com o criado Pedro em busca de Romeu e é humilhada por Mercúcio. Romeu manda dizer a Julieta que esteja à tarde na cela de Frei Lourenço para casar e promete uma escada de cordas para a noite.

#### CENA V: JULIETA ESPERA O RECADO DA AMA

**Julieta** espera, impaciente, a volta de **A Ama**, que levou três horas para voltar. A Ama chega cansada e dolorida e enrola antes de responder, entre elogios a Romeu e queixas das costas. Quando por fim fala, manda Julieta à cela de Frei Lourenço, onde um marido a espera, e vai buscar a escada.

“Love’s heralds should be thoughts, / Which ten times faster glides than the sun’s beams”, os mensageiros do amor deviam ser pensamentos, que deslizam dez vezes mais rápido que os raios do sol (II.5)

#### CENA VI: O ENCONTRO NA CELA DO FREI

Na cela, **Frei Lourenço** pede ao céu que o ato não traga tristeza depois, e **Romeu** responde que nenhuma dor anula a alegria de um minuto com ela. O frei aconselha moderação no amor. **Julieta** chega, e os dois dizem que a alegria deles não cabe em palavras. Frei Lourenço os leva para a igreja a fim de casá-los.

“These violent delights have violent ends, / And in their triumph die”, estes prazeres violentos têm fins violentos, e morrem no próprio triunfo (II.6)

*Para pensar: Na hora de casar os dois, o frei fala de prazeres violentos que acabam em violência: Romeu e Julieta parecem ouvi-lo?*

#### TEMA CENTRAL

O ato é feito de velocidades diferentes. Julieta, no jardim, chama o pacto daquela noite de rápido demais, como o relâmpago que some antes de alguém dizer "relampeja"; o frei pede que Romeu vá devagar; a Ama, em compensação, demora três horas e faz Julieta esperar. No meio disso, o casamento é combinado em menos de um dia: pedido ao amanhecer, resposta ao meio-dia, cerimônia à tarde.

Os nomes pesam no ato inteiro. Julieta pede que Romeu deixe de ser Montéquio, e ele aceita ser rebatizado "amor", mas é o nome que os esconde, que obriga o recado a passar pela Ama, o encontro a ser na cela e a união a depender de um frei. A rixa das famílias não aparece nas cenas de amor como cenário: ela dita as regras de cada gesto.

Frei Lourenço diz que a mesma planta guarda veneno e remédio e que a virtude vira vício quando mal aplicada, e essa fala serve também ao plano dele: casar os dois para acabar com o ódio é uma boa razão, mas fica ligada a uma pressa que ele mesmo critica. Ao lado dele, a linguagem de Mercúcio e da Ama, cheia de trocadilhos e grosserias, lembra que o amor de Romeu e Julieta acontece num mundo de gente que ri dele. O contraste entre o verso alto do jardim e a prosa da rua dá ao ato sua textura.

## ATO III: MERCÚCIO, TEOBALDO E O BANIMENTO

#### CENA I: A BRIGA NA PRAÇA DE VERONA

Num dia quente, **Benvólio** quer evitar encrenca, mas **Mercúcio** provoca **Teobaldo**, que procura **Romeu**. Romeu, já parente dos Capuleto em segredo, recusa o duelo e tenta apartar os dois;

Mercúcio é ferido sob o braço dele e morre. Romeu mata Teobaldo e foge. O Príncipe Escalo, ouvindo Benvólio, bane Romeu em vez de condená-lo à morte.

“A plague o’ both your houses”, que a peste leve as duas casas de vocês (III.1)

*Para pensar: Romeu recusa o primeiro desafio de Teobaldo e aceita o segundo. O que mudou entre um momento e outro?*

#### CENA II: JULIETA SABE DO BANIMENTO

Sozinha, **Julieta** espera a noite em que Romeu virá ao seu quarto. **A Ama** chega com as cordas e, desorientada, a deixa crer que Romeu morreu, até contar que Teobaldo morreu e Romeu foi banido. Julieta o amaldiçoa, arrepende-se na hora e conclui que a palavra banido pesa mais que a morte do primo. A Ama promete buscá-lo na cela do frade, e Julieta lhe manda um anel.

“That ‘banished,’ that one word ‘banished,’ / Hath slain ten thousand Tybalts”, aquele ‘banido’, aquela palavra só, ‘banido’, matou dez mil Teobaldos (III.2)

#### CENA III: FREI LOURENÇO E O DESESPERO DE ROMEU

Na cela, **Frei Lourenço** conta a **Romeu** que o Príncipe o poupou da morte e o baniu. Romeu vê no exílio castigo pior que a morte e rejeita a filosofia do frade. Quando **A Ama** traz notícias de Julieta, ele saca a espada contra si mesmo. O frade o repreende, lista o que ainda lhe resta e arma o plano: passar a noite com Julieta, partir para Mântua antes do amanhecer e esperar o perdão.

“There is no world without Verona walls, / But purgatory, torture, hell itself”, não há mundo fora dos muros de Verona, só purgatório, tortura, o próprio inferno (III.3)

*Para pensar: Frei Lourenço chama o banimento de misericórdia, e Romeu o chama de tortura. Quem tem razão, a partir do que cada um sabe e sente?*

#### CENA IV: CAPULETO MARCA O CASAMENTO

Na casa dos Capuleto, tarde da noite, **Capuleto** e **Páris** conversam. Capuleto diz que não houve tempo de falar com a filha, enlutada por Teobaldo, mas se sente seguro de que ela o obedecerá. Fixa o casamento com Páris para quinta-feira, numa festa pequena por respeito ao morto, e manda a esposa avisar Julieta antes de dormir.

#### CENA V: A DESPEDIDA E A ORDEM DE CASAR

Ao amanhecer, **Julieta** tenta reter **Romeu** no quarto, e os dois se despedem sob um pressentimento sombrio dela. A Senhora Capuleto anuncia o casamento com Páris, e Julieta recusa. **Capuleto** explode, ameaça deserdá-la e a mãe a abandona. **A Ama** aconselha casar com Páris. Julieta a renega por dentro e vai ao frade, resolvida a morrer se nada mais restar.

“It was the nightingale, and not the lark”, era o rouxinol, e não a cotovia (III.5)

*Para pensar: Capuleto, a mãe e a Ama reagem de modos diferentes à recusa de Julieta. O que cada reação mostra sobre o lugar dela na casa?*

#### TEMA CENTRAL

O ato é a virada da peça: na cena I Romeu perde a paz que acabara de ganhar com o casamento, e a perde por escolher não lutar. Ao ver Mercúcio morrer em seu lugar, ele atribui a fraqueza ao amor por Julieta e passa a se dizer joguete do destino. A sequência das cenas, porém, sugere: o duelo que ele recusa o alcança de qualquer modo, e a vingança que ele toma o expulsa de Verona.

A palavra banido ocupa as cenas II e III como se fosse uma sentença de morte, e os dois amantes a ouvem do mesmo modo, cada um a seu tempo. Julieta xinga o marido e logo se corrige; Romeu cai no chão e saca a espada. Ama e frade, em cenas diferentes, apelam à mesma coisa, que ele se levante e seja homem. O consolo que Frei Lourenço oferece, a filosofia, Romeu recusa por vir de quem não sente o que ele sente.

Do começo ao fim do ato, o espaço de Julieta se fecha. Páris tem pressa, Capuleto confunde presente com ordem, a Senhora Capuleto a abandona e a Ama, a única confidente, aconselha o que Julieta não pode aceitar. O calendário reforça o aperto: do dia marcado e remarcado (quarta, depois quinta) até a despedida ao amanhecer, resta a ela uma noite e a cela do frade. Nenhum dos adultos age por maldade declarada, e é isso que torna a pressão difícil de enfrentar.

## ATO IV: A POÇÃO DA MORTE APARENTE

### CENA I: PÁRIS, JULIETA E O PLANO DO FREI

Na cela de **Frei Lourenço**, **Páris** fala do casamento de quinta-feira, e **Julieta** responde com frases de duplo sentido. A sós com o frei, ameaça se matar. Ele propõe uma poção que a fará parecer morta por quarenta e duas horas, enquanto uma carta avisa Romeu. Ela aceita.

“Be not so long to speak. I long to die, / If what thou speak’st speak not of remedy.”, não demores a falar: anseio por morrer, se o que dizes não for um remédio. (IV.1)

*Para pensar: Julieta diz ao frei que prefere a faca a casar com Páris: o que o frei enxerga nessa disposição, e o que ele faz com ela?*

### CENA II: JULIETA FINGE OBEDECER AO PAI

**Capuleto** prepara a festa. Julieta volta da cela do frei e, de joelhos, pede perdão pelo desafio e promete obediência. Aliviado, o pai adianta o casamento para a manhã seguinte e louva o frei. Ela pede à **A Ama** ajuda com os adornos.

“My heart is wondrous light / Since this same wayward girl is so reclaim’d.”, meu coração está maravilhosamente leve, agora que esta menina teimosa se emendou. (IV.2)

### CENA III: JULIETA SOZINHA COM A POÇÃO

No quarto, Julieta dispensa **A Ama** e a Senhora Capuleto com o pretexto de rezar. Só, sente medo e enumera o que pode dar errado: a poção falhar, ser veneno ou ela acordar na cripta antes de Romeu chegar. Vê o fantasma de Teobaldo e bebe, brindando a Romeu.

“Romeo, Romeo, Romeo, here’s drink! I drink to thee.”, Romeu, Romeu, Romeu, aqui está a bebida! Bebo a ti. (IV.3)

*Para pensar: Antes de beber, Julieta passa dos medos práticos para visões de horror: o que essa passagem diz do estado em que ela está?*

#### CENA IV: A CASA EM PREPARATIVOS

Antes do amanhecer, **Capuleto**, a Senhora Capuleto e **A Ama** correm com os preparativos. Ao ouvir a música de Páris, ele manda a Ama acordar Julieta.

#### CENA V: A NOIVA ENCONTRADA MORTA

**A Ama** encontra Julieta imóvel e chama os pais; **Capuleto** a acha fria, e todos se desfazem em lamentos até chegarem **Páris** e **Frei Lourenço**. Capuleto diz que a morte é seu genro. O frei manda secar as lágrimas e organiza o cortejo. Pedro cobra dos músicos uma canção, em farsa que corta o luto.

“Death is my son-in-law, death is my heir”, a morte é meu genro, a morte é meu herdeiro. (IV.5)

*Para pensar: Por que o Frei Lourenço consola os pais com palavras sobre o céu, se sabe que Julieta vive?*

#### TEMA CENTRAL

Julieta aceita sozinha o plano mais arriscado, e o ato mostra o quanto isso a isola. Ela ameaça se matar antes de ouvir qualquer conselho e, na cena III, diz que precisa representar sozinha a sua cena sombria. A obediência fingida e a conversa de duplo sentido com Páris fazem parte desse isolamento: cada fala dela tem um sentido para quem ouve e outro para quem sabe.

Os adultos agem sem enxergar o que têm diante de si. Capuleto celebra a filha reconciliada, Páris crê que o choro dela é só pelo primo e que as bodas a consolarão, e o frei, que diz não gostar do rumo das coisas, oferece o remédio mais arriscado. Ninguém ouve de fato o que Julieta diz.

A festa vira funeral na mesma casa, no mesmo dia. Capuleto passa a madrugada em claro entre cozinheiros e assados, e a cena V devolve a mesma agitação como lamento. Quem acompanha a peça sabe o que a família não sabe, e isso torna desconfortável cada exagero do luto, inclusive a farsa dos músicos.

## ATO V: A TUMBA E A RECONCILIAÇÃO

#### CENA I: ROMEU COMPRA VENENO EM MÂNTUA

Em Mântua, **Romeu** acorda de um sonho bom e recebe de Baltasar a notícia de que Julieta morreu e foi sepultada. Sem carta do frei, decide voltar a Verona naquela noite. Lembra-se de

um boticário miserável e o convence, com ouro, a vender-lhe veneno, apesar da lei de Mântua que pune essa venda com a morte.

“Is it even so? Then I defy you, stars!”, é assim mesmo? Então eu vos desafio, estrelas! (V.1)

*Para pensar: Romeu decide voltar a Verona no mesmo instante em que ouve a notícia: o que ele sabe e o que não sabe nesse momento?*

#### CENA II: A CARTA DO FREI NÃO CHEGA

Frei João volta à cela de **Frei Lourenço** com a carta devolvida: foi trancado numa casa suspeita de peste e não pôde seguir para Mântua nem achar quem levasse a mensagem. Lourenço vê o perigo, pede uma alavanca e vai sozinho à tumba, onde Julieta acordará em poucas horas; pretende escrever de novo a Romeu e escondê-la na cela.

“Poor living corse, clos’d in a dead man’s tomb.”, pobre cadáver vivo, trancado na tumba de um morto. (V.2)

#### CENA III: MORTES NA TUMBA DOS CAPULETO

No cemitério, **Páris** espalha flores na tumba de Julieta; **Romeu** chega para arrombá-la, e na luta Páris morre. Romeu o deita no jazigo, beija Julieta e bebe o veneno. **Frei Lourenço** chega tarde; **Julieta** acorda, recusa fugir e se mata com a adaga de Romeu. Vêm a guarda, o Príncipe Escalo e as famílias; o frei conta tudo, e **Capuleto** e Montéquio selam a paz.

“See what a scourge is laid upon your hate, / That heaven finds means to kill your joys with love!”, vede que flagelo foi lançado sobre o vosso ódio, já que o céu encontra meio de matar as vossas alegrias com o amor! (V.3)

*Para pensar: Romeu pede a Páris que fuja, e a luta acontece mesmo assim: o que a peça mostra de cada um nessa cena?*

#### TEMA CENTRAL

O desastre nasce de um intervalo de informação. Romeu pergunta a Baltasar se há cartas do frei, ouve que não, e age com o que sabe: Julieta está morta. A cena II mostra por que não há carta: Frei João foi trancado numa casa suspeita de peste e devolveu a mensagem. Cada um age sobre o que lhe chegou, e quem poderia desfazer o engano chega à tumba minutos tarde.

A tumba junta o que a peça manteve separado. Romeu pede a Páris que fuja e acaba lutando; Páris pede para ser deitado ao lado de Julieta, e Romeu cumpre; Julieta recusa o frei e se mata com a adaga do marido. Depois, Montéquio revela que a mulher morreu de dor pelo exílio do filho, e o Príncipe lê o conjunto como castigo ao ódio das famílias e também à sua própria tolerância com as brigas.

A reconciliação chega tarde e em forma de monumento: Montéquio promete uma estátua de ouro para Julieta, e Capuleto responde com outra para Romeu. As duas casas fazem na morte dos filhos o que não fizeram em vida, e o Príncipe fecha a peça sem absolver ninguém: haverá perdão para uns e castigo para outros.

# TEMAS

---

## AMOR

O amor entra na peça já colado ao ódio. Na **cena 1 do Ato I**, Romeu responde à briga recém-apagada com paradoxos, e o que sente por Rosalina é linguagem de poeta, fórmula pronta para uma mulher que ninguém vê. Na **cena 5 do Ato I**, ao ver Julieta, ele esquece Rosalina; os dois falam em versos de peregrino e santa e se beijam, até a Ama revelar que cada um é da casa inimiga.

No jardim, na **cena 2 do Ato II**, os dois trocam juras, e Julieta receia que tudo seja rápido demais; o nome de Romeu é o obstáculo. Na **cena 5 do Ato II**, a espera pelo recado mostra Julieta impaciente, e na **cena 6 do Ato II** a alegria deles, na cela de Frei Lourenço, não cabe em palavras, enquanto o frei pede moderação.

Depois do banimento, o amor é o que sustenta cada um contra a casa e a lei. Na **cena 5 do Ato III**, os dois se despedem ao amanhecer e Julieta recusa o casamento com Páris. Na **cena 3 do Ato IV**, ela bebe a poção em brinde a Romeu, e na **cena 3 do Ato V** os dois morrem: Romeu bebe o veneno depois de beijar Julieta, e ela se mata com a adaga dele. O Príncipe lê o conjunto como o céu matando as alegrias das famílias com o amor.

O amor de Romeu e Julieta nunca aparece fora da pressão das duas casas: cada cena de ternura é também uma cena de esconderijo, recado ou despedida. A peça mostra o que esse amor custa num mundo que não o deixa existir à luz do dia.

O amor nasce do ódio, e Julieta diz isso ao descobrir quem ele é:

“My only love sprung from my only hate!”, meu único amor nasceu do meu único ódio! (I.5)

Ato I: A rixa e o baile

O amor tem pressa, e Julieta quer mensageiros mais rápidos que a luz:

“Love’s heralds should be thoughts, / Which ten times faster glides than the sun’s beams”, os mensageiros do amor deviam ser pensamentos, que deslizam dez vezes mais rápido que os raios do sol (II.5)

Ato II: O jardim e o casamento

Antes de beber, Julieta brinda a Romeu:

“Romeo, Romeo, Romeo, here’s drink! I drink to thee.”, Romeu, Romeu, Romeu, aqui está a bebida! Bebo a ti. (IV.3)

Ato IV: A poção da morte aparente

## PAIXÃO

A paixão é velocidade. Na **cena 5 do Ato I**, o amor nasce num baile, de um olhar. Na **cena 2 do Ato II**, Julieta compara o pacto da noite ao relâmpago, que some antes de alguém dizer "relampeja", e teme a

pressa. Na **cena 3 do Ato II**, Frei Lourenço estranha a mudança tão rápida depois de Rosalina e adverte Romeu de que tropeçam os que correm depressa.

Na **cena 5 do Ato II**, Julieta espera três horas o recado da Ama e diz que os mensageiros do amor deviam ser pensamentos. Na **cena 6 do Ato II**, o frei avisa que os prazeres violentos têm fins violentos, e nem Romeu nem Julieta parecem ouvi-lo.

Depois das mortes, a mesma energia vira desespero. Na **cena 2 do Ato III**, Julieta amaldiçoa o marido e se arrepende na hora, e conclui que a palavra banido pesa mais que a morte do primo. Na **cena 3 do Ato III**, Romeu cai no chão e saca a espada contra si, e o frei o repreende e lista o que ainda lhe resta.

A paixão em Romeu e Julieta não é defeito de caráter, é o ritmo que a peça dá aos dois: tudo o que fazem cabe em dias, e o que o frei chama de pressa é também o que os aproxima. O mesmo impulso que os casa num dia é o que, no Ato III, os faz tratar o banimento como morte.

Frei Lourenço, ao receber o pedido de casamento:

*“Wisely and slow; they stumble that run fast.”, com sabedoria e devagar; tropeçam os que correm depressa (II.3)*

**Ato II: O jardim e o casamento**

O frei, na hora de casá-los:

*“These violent delights have violent ends, / And in their triumph die”, estes prazeres violentos têm fins violentos, e morrem no próprio triunfo (II.6)*

**Ato II: O jardim e o casamento**

Julieta, ao medir o banimento:

*“That ‘banished,’ that one word ‘banished,’ / Hath slain ten thousand Tybalts”, aquele ‘banido’, aquela palavra só, ‘banido’, matou dez mil Teobaldos (III.2)*

**Ato III: Mercúcio, Teobaldo e o banimento**

## DESTINO E LIVRE-ARBÍTRIO

O **prólogo do Ato I** apresenta os amantes como nascidos sob estrela contrária e antecipa a morte deles. Na **cena 4 do Ato I**, antes do baile, Romeu pressente alguma consequência ainda pendurada nas estrelas, mas segue o grupo.

Na **cena 1 do Ato III**, depois que Mercúcio morre em seu lugar, Romeu atribui a fraqueza ao amor por Julieta e passa a se dizer joguete do destino. A sequência das cenas sugere: o duelo que ele recusa o alcança de qualquer modo, e a vingança que ele toma o expulsa de Verona.

Na **cena 1 do Ato V**, ao ouvir que Julieta morreu, Romeu desafia as estrelas e decide voltar a Verona naquela noite, com o que sabe. Na **cena 2 do Ato V**, a razão de não haver carta é Frei João, trancado numa casa suspeita de peste. Na **cena 3 do Ato V**, o Príncipe lê o conjunto como flagelo sobre o ódio das famílias.

A peça deixa as estrelas falarem no começo e no fim, mas o que as cenas mostram em volta são escolhas e intervalos: um duelo aceito, uma carta retida, minutos de atraso. Destino e livre-arbítrio não competem aqui, se alternam: cada personagem age com o que sabe, e o conjunto parece destino a quem vê de fora.

O Coro, no Prólogo do Ato I:

*“A pair of star-cross'd lovers take their life;”, um par de amantes nascidos sob estrela contrária ganha a vida; (Prólogo)*

Ato I: A rixa e o baile

Romeu, a caminho do baile:

*“my mind misgives / Some consequence yet hanging in the stars”, meu espírito pressente alguma consequência ainda pendurada nas estrelas (I.4)*

Ato I: A rixa e o baile

Romeu, ao saber da morte de Julieta:

*“Is it even so? Then I defy you, stars!”, é assim mesmo? Então eu vos desafio, estrelas! (V.1)*

Ato V: A tumba e a reconciliação

## FAMÍLIA

Na **cena 1 do Ato I**, a rixa aparece nos criados antes dos patrões. Na **cena 2 do Ato I**, Capuleto diz a Páris que a vontade dele é só uma parte do consentimento de Julieta, e na **cena 3 do Ato I** a mãe e a Ama falam de casamento como honra e vantagem, e Julieta responde que olhará, sem ir além do que a mãe consentir.

Na **cena 2 do Ato II**, Julieta pede que Romeu deixe de ser Montéquio: o nome da família é a barreira entre os dois. Na **cena 4 do Ato III**, Capuleto fixa o casamento com Páris sem ter falado com a filha, e na **cena 5 do Ato III** explode quando ela recusa: ameaça deserdá-la, a mãe a abandona e a Ama aconselha casar.

Na **cena 2 do Ato IV**, Julieta finge obediência, e o pai, aliviado, adianta o casamento. Na **cena 5 do Ato IV**, a casa da festa vira casa de luto. Na **cena 3 do Ato V**, a paz entre as duas casas chega com os corpos dos filhos: Montéquio promete uma estátua de ouro para Julieta, e Capuleto responde com outra para Romeu.

Nenhum dos adultos age por maldade declarada, e é isso que faz da família a força mais pesada da peça: pai, mãe e Ama querem, cada um à sua maneira, o bem de Julieta, e é esse querer, sem escuta, que fecha a saída dela. A paz final só chega quando os filhos já não podem recebê-la.

Capuleto, a Páris, no Ato I:

*“woo her, gentle Paris, get her heart, / My will to her consent is but a part”, conquiste-a, gentil Páris, ganhe o coração dela: a minha vontade é só uma parte do consentimento dela (I.2)*

#### Ato I: A rixa e o baile

Julietta, no jardim:

“What’s in a name? That which we call a rose / By any other name would smell as sweet”, o que há num nome? Aquilo a que chamamos rosa, com qualquer outro nome teria o mesmo perfume (II.2)

#### Ato II: O jardim e o casamento

Capuleto, ao crer a filha reconciliada:

“My heart is wondrous light / Since this same wayward girl is so reclaim’d.”, meu coração está maravilhosamente leve, agora que esta menina teimosa se emendou. (IV.2)

#### Ato IV: A poção da morte aparente

## VIOLÊNCIA

Na **cena 1 do Ato I**, criados provocam-se numa praça e a briga cresce até o Príncipe ameaçar de morte quem a reacender. Na **cena 5 do Ato I**, Teobaldo reconhece a voz de um Montéquio no baile e quer matá-lo ali mesmo, e Capuleto o contém para proteger a festa.

Na **cena 4 do Ato II**, Benvólio e Mercúcio sabem que Teobaldo mandou um desafio à casa de Romeu. Na **cena 1 do Ato III**, a violência cobra: Mercúcio, ferido sob o braço de Romeu, morre dizendo que a peste leve as duas casas; Romeu mata Teobaldo, e o Príncipe o bane.

Na **cena 3 do Ato V**, a violência volta ao cemitério: Romeu pede a Páris que fuja, os dois lutam mesmo assim, e Páris morre.

A violência da peça vem do hábito, não de um vilão: da briga dos criados ao duelo de Teobaldo, cada golpe responde a outro anterior. O Príncipe, que ameaça no Ato I, lê no fim o conjunto como castigo também à própria tolerância com as brigas.

Romeu, ao ver a briga recém-acabada:

“O brawling love! O loving hate!”, ó amor briguento! ó ódio amoroso! (I.1)

#### Ato I: A rixa e o baile

Mercúcio, ferido de morte:

“A plague o’ both your houses”, que a peste leve as duas casas de vocês (III.1)

#### Ato III: Mercúcio, Teobaldo e o banimento

O Príncipe, diante dos corpos:

“See what a scourge is laid upon your hate, / That heaven finds means to kill your joys with love!”, vede que flagelo foi lançado sobre o vosso ódio, já que o céu encontra meio de matar as vossas alegrias com o amor! (V.3)

#### Ato V: A tumba e a reconciliação

## MORTE

A morte cresce ao longo da peça. Na **cena 1 do Ato III**, morrem Mercúcio e Teobaldo. Na **cena 2 do Ato III**, Julieta conclui que a palavra banido pesa mais que a morte do primo, e na **cena 3 do Ato III** Romeu vê no exílio castigo pior que a morte e saca a espada contra si.

Na **cena 1 do Ato IV**, Julieta ameaça se matar e aceita a poção que a fará parecer morta. Na **cena 5 do Ato IV**, Capuleto diz que a morte é seu genro e seu herdeiro, em lamento por uma morte que é só aparência.

Na **cena 1 do Ato V**, Romeu compra veneno. Na **cena 2 do Ato V**, Frei Lourenço chama Julieta de pobre cadáver vivo trancado na tumba de um morto. Na **cena 3 do Ato V**, Páris e Romeu morrem, Julieta acorda e se mata, e a paz das famílias se faz sobre os corpos.

A morte aparece como aparência antes de aparecer como fato: o lamento de Capuleto diante da filha que dorme e a poção do frei fazem do luto um ensaio. Quando a morte vem de verdade, no Ato V, é o argumento que as famílias não tinham aceitado de nenhuma outra palavra.

Julieta, ao frei:

*“Be not so long to speak. I long to die, / If what thou speak’st speak not of remedy.”, não demores a falar: anseio por morrer, se o que dizes não for um remédio. (IV.1)*

**Ato IV: A poção da morte aparente**

Capuleto, diante da filha que parece morta:

*“Death is my son-in-law, death is my heir”, a morte é meu genro, a morte é meu herdeiro. (IV.5)*

**Ato IV: A poção da morte aparente**

Lourenço, a caminho da tumba:

*“Poor living corse, clos’d in a dead man’s tomb.”, pobre cadáver vivo, trancado na tumba de um morto. (V.2)*

**Ato V: A tumba e a reconciliação**

# PERSONAGENS

---

## ROMEU

### QUEM É

Romeu é o filho de Montéquio e chega à peça bem longe do amante que o título promete: o pai conta que ele passa as manhãs no bosque, entre lágrimas e suspiros, e que ao nascer do dia se tranca no quarto, fecha as janelas e faz de si uma noite artificial. A causa é Rosalina, uma mulher que jurou castidade, que ninguém vê em cena e de quem ele fala em paradoxos de poeta. É primo de **Benvólio**, amigo de **Mercúcio** e, depois da cela do frei, marido secreto de **Julieta**.

### TRAJETÓRIA

Na **cena 1 do Ato I**, Romeu aparece depois da briga de rua e responde ao que vê com contradições empilhadas, "amor briguento" e "ódio amoroso". Benvólio arranca dele a confissão: ele ama quem não o aceita e não consegue esquecê-la.

Na **cena 2 do Ato I**, Benvólio propõe curá-lo com outro rosto, e a lista de convidados que Romeu lê para um criado que não sabe ler traz o nome de Rosalina. Ele aceita ir ao baile, mas só para ver a sua dama brilhar acima de qualquer outra.

Na **cena 4 do Ato I**, a caminho do baile, recusa-se a dançar e escolhe carregar a tocha. Interrompe o longo discurso de Mercúcio sobre a rainha Mab, dizendo que ele fala de nada, e confessa que o espírito dele pressente uma consequência ainda pendurada nas estrelas, que vai começar com a festa daquela noite.

Na **cena 5 do Ato I**, vê Julieta e esquece Rosalina. Os dois conversam em versos de peregrino e santa, e ela diz que ele beija pela cartilha. Só depois, pela Ama, ele descobre quem ela é e conclui que a sua vida passou a ser dívida do inimigo.

Na **cena 1 do Ato II**, pula o muro do pomar dos Capuleto e não responde ao chamado de Benvólio e Mercúcio, que o procuram pela rua. Na **cena 2 do Ato II**, ouve Julieta lamentar da janela que ele tenha o nome de um Montéquio, revela-se e troca juras com ela. Julieta acha tudo rápido demais, e combinam que, se ele pensa em casamento, responda no dia seguinte, pelo mensageiro que ela enviará às nove, com o lugar e a hora.

Na **cena 3 do Ato II**, procura o frei ao amanhecer, sem ter dormido, e pede que o case com Julieta no mesmo dia. Diz já ter esquecido Rosalina, e o frei estranha a mudança, lembra que o amor dos moços mora nos olhos e não no coração, mas aceita, na esperança de reconciliar as duas casas, e o manda ir devagar.

Na **cena 4 do Ato II**, na rua, Romeu devolve trocadilho por trocadilho a Mercúcio, que o saúda por ter voltado a ser ele mesmo, e manda dizer a Julieta, pela Ama, que esteja à tarde na cela de Frei Lourenço; promete uma escada de cordas para a noite. Na **cena 6 do Ato II**, diante do frei, diz que nenhuma dor anula a alegria de um minuto com ela.

Na **cena 1 do Ato III**, Teobaldo o chama de vilão, e Romeu, já parente dos Capuleto em segredo, recusa o duelo e diz que o ama mais do que Teobaldo pode imaginar, até que saiba a razão. Mercúcio chama

isso de submissão desonrosa e toma o duelo para si; Romeu tenta apartar os dois, e Mercúcio é ferido sob o braço dele. Depois do ferimento de Mercúcio, Romeu culpa a beleza de Julieta por ter amolecido o aço da sua coragem; quando Benvólio traz a notícia da morte, invoca a fúria de olhos de fogo, mata Teobaldo quando este volta e diz ser o bobo da fortuna. O Príncipe Escalo o bane em vez de condená-lo à morte.

Na **cena 3 do Ato III**, recebe do frei a notícia do banimento e a chama de tortura: não há mundo fora dos muros de Verona.

*“There is no world without Verona walls, / But purgatory, torture, hell itself”, não há mundo fora dos muros de Verona, só purgatório, tortura, o próprio inferno (III.3)*

#### Ato III: Mercúcio, Teobaldo e o banimento

Romeu rejeita a filosofia que o frade oferece e, quando a Ama conta como Julieta chora, saca a espada contra si mesmo. O frei o repreende e arma o plano: passar a noite com Julieta, partir para Mântua antes do amanhecer e esperar o perdão. Na **cena 5 do Ato III**, despede-se dela ao amanhecer, entre o rouxinol e a cotovia; Julieta o vê como um morto no fundo de uma tumba, e ele responde que também a vê pálida. Desce e parte.

Na **cena 1 do Ato V**, em Mântua, acorda de um sonho bom e recebe de Baltasar a notícia de que Julieta morreu. Não há carta do frei. Romeu desafia as estrelas, manda alugar cavalos e vai atrás de um boticário miserável, a quem paga quarenta ducados por veneno, apesar da lei de Mântua que pune essa venda com a morte.

*“Is it even so? Then I defy you, stars!”, é assim mesmo? Então eu vos desafio, estrelas! (V.1)*

#### Ato V: A tumba e a reconciliação

Na **cena 3 do Ato V**, arromba a tumba dos Capuleto e manda Baltasar embora com uma carta para o pai. Páris o enfrenta, e Romeu pede que fuja. A luta acontece mesmo assim, e Páris cai pedindo para ser deitado ao lado de Julieta. Romeu o reconhece, cumpre o pedido, pede perdão ao corpo de Teobaldo, beija Julieta e bebe o veneno.

#### TEMAS QUE ENCARNA

Romeu encarna a paixão que a peça chama de violenta: muda de amor numa noite, casa-se num dia e, horas depois, mata e é banido. O frei o avisa duas vezes, na **cena 3 do Ato II** (devagar, porque tropeçam os que correm) e na **cena 6 do Ato II** (prazeres violentos têm fins violentos), e a velocidade de Romeu não muda.

Cada vez que algo dá errado, Romeu o atribui às estrelas ou à fortuna: o pressentimento antes do baile, o "bobo da fortuna" depois da morte de Mercúcio, o desafio às estrelas ao saber da morte de Julieta. E em cada uma dessas cenas há uma escolha dele à vista: o golpe em Teobaldo quando este volta, a decisão de voltar a Verona no instante em que ouve a notícia, sem carta do frei e sem esperar uma. Romeu fala como alguém a quem as coisas acontecem, e o texto o mostra decidindo depressa.

#### RELAÇÕES

- **Julietta:** o encontro no baile vira juras no jardim, casamento na cela, uma noite e uma despedida; ele a reencontra morta, na tumba, e morre ao lado dela.
- **Mercúcio:** o amigo que o quer de volta à graça e que morre no duelo que Romeu recusou.
- **Benvólio:** o primo que tenta curá-lo de Rosalina e o que o manda fugir depois de Teobaldo.
- **Teobaldo:** o primo de Julietta que quer matá-lo no baile e o provoca na praça, e que ele mata; no fim, Romeu lhe pede perdão.
- **Frei Lourenço:** confessor, casamenteiro e autor do plano de Mântua; a carta dele não chega.
- **A Ama:** a mensageira do casamento, que o adverte a não levar Julietta a um paraíso de tolos.
- **Páris:** o rival que ele não conhece e que mata na tumba, sem querer lutar.
- **Capuleto:** o pai de Julietta, que no baile defende a presença dele contra Teobaldo, sem saber quem ele é para a filha.

## JULIETA

### QUEM É

Julietta é a filha única de **Capuleto** e da Senhora Capuleto, ainda sem catorze anos quando a peça começa: a Ama, que a amamentou e a criou, jura na **cena 3 do Ato I** que faltam pouco mais de duas semanas. Já tem pretendente escolhido, **Páris**, e a primeira resposta que o texto lhe dá é prudente: vai olhar para ver se gosta.

### TRAJETÓRIA

Na **cena 3 do Ato I**, a mãe pergunta o que ela pensa de se casar, e Julietta diz que é uma honra com que ainda não sonha. Quanto a Páris, promete olhar para gostar e não se comprometer além do que o consentimento da mãe permitir.

Na **cena 5 do Ato I**, dança com um desconhecido e responde em versos de peregrino e santa; quando ele a beija, diz que ele beija pela cartilha. Pergunta o nome dele à Ama e, antes de saber quem é, diz que, se ele for casado, a sua cova será o seu leito de núpcias. Ao descobrir que é um Montéquio, conclui que o seu único amor nasceu do seu único ódio, visto cedo demais sem conhecer e conhecido tarde demais.

Na **cena 2 do Ato II**, à janela, lamenta que Romeu tenha o nome de um Montéquio e pergunta o que há num nome.

“What’s in a name? That which we call a rose / By any other name would smell as sweet”, o que há num nome? Aquilo a que chamamos rosa, com qualquer outro nome teria o mesmo perfume (II.2)

### Ato II: O jardim e o casamento

Quando Romeu se revela, ela teme a pressa do pacto, que lhe parece rápido demais, como o relâmpago que acaba antes de alguém dizer que relampejou, e combina que, se ele pensa em casamento, responda no dia seguinte, pelo mensageiro que ela enviará às nove, com o lugar e a hora.

Na **cena 5 do Ato II**, espera o recado e se desespera porque a Ama leva três horas para voltar e ainda enrola antes de contar. Quando a Ama por fim fala, Julietta corre à cela de Frei Lourenço, e na **cena 6 do Ato II** os dois dizem que a alegria deles não cabe em palavras, antes de o frei levá-los à igreja.

Na **cena 2 do Ato III**, espera a noite em que Romeu virá ao seu quarto, e a Ama chega com as cordas e a deixa crer que ele morreu. Ao saber que Romeu matou Teobaldo e foi banido, Julieta o amaldiçoa, corrige-se na hora e conclui que a palavra banido matou dez mil Teobaldos. Manda um anel a Romeu pela Ama.

Na **cena 5 do Ato III**, tenta reter Romeu ao amanhecer, e na despedida diz ter uma alma de mau presságio, que o vê como um morto no fundo de uma tumba. A mãe aparece falando de vingança e promete mandar envenenar Romeu em Mântua; Julieta responde com frases que a mãe entende num sentido e ela, noutro. Quando a mãe anuncia o casamento com Páris na quinta-feira, Julieta o recusa. Capuleto ameaça deserdá-la, a mãe diz que acabou com ela, e a Ama, depois de defendê-la diante do pai, aconselha a casar com Páris. Julieta jura que dali em diante a Ama e o coração dela serão dois e vai ao frade, decidida a morrer se não houver outro remédio.

Na **cena 1 do Ato IV**, encontra Páris na cela do frei e lhe responde com frases de duplo sentido. A sós com o frei, mostra uma faca e diz que se mata se não houver remédio; ele propõe a poção que a fará parecer morta por quarenta e duas horas, e ela aceita sem medo. Na **cena 2 do Ato IV**, volta para casa e, de joelhos, pede perdão ao pai pela desobediência e promete obedecer; Capuleto, aliviado, adianta o casamento para a manhã seguinte.

Na **cena 3 do Ato IV**, pede à Ama e à mãe que a deixem a sós, enumera o que pode dar errado, da poção ser veneno a acordar na cripta antes da chegada de Romeu, vê o fantasma de Teobaldo e bebe, brindando a Romeu.

“Romeo, Romeo, Romeo, here’s drink! I drink to thee.”, Romeu, Romeu, Romeu, aqui está a bebida! Bebo a ti. (IV.3)

#### Ato IV: A poção da morte aparente

Na **cena 5 do Ato IV**, é encontrada morta na manhã das bodas. Na **cena 3 do Ato V**, acorda na tumba e pergunta ao frei por Romeu; quando ele foge ao barulho da guarda, recusa-se a ir com ele. Encontra o marido morto com a taça na mão, beija os lábios dele na esperança de achar algum veneno, e se mata com a adaga dele.

#### TEMAS QUE ENCARNA

O espaço de Julieta se estreita, e ela decide cada passo mais sozinha. Na **cena 3 do Ato I**, responde à mãe que só vai olhar para gostar; na **cena 5 do Ato III**, o pai, a mãe e a Ama deixam de ser apoio; na **cena 3 do Ato IV**, diz que precisa representar sozinha a sua cena sombria; na **cena 3 do Ato V**, até o frei foge, e ela fica com a adaga de Romeu.

Julieta é a que mais aprende a dizer uma coisa a quem ouve e outra a quem sabe. Com a mãe, na **cena 5 do Ato III**, ela fala de Romeu em frases que a mãe lê como ódio; com Páris, na **cena 1 do Ato IV**, as respostas dela cabem em dois sentidos; com o pai, na **cena 2 do Ato IV**, a obediência fingida o faz achar que a filha se emendou. A poção só funciona porque cada um dos três ouve o que quer ouvir, e quem sabia a verdade, o frei, depende de uma carta e de tempo, que é o que falta.

#### RELAÇÕES

- **Romeu**: o amor do baile, o marido da cela, o morto da tumba; ela o ama contra o nome e o chama de marido mesmo quando o amaldiçoa.
- **Frei Lourenço**: confessor e autor do plano da poção; é o único que sabe de tudo, e foge quando ela mais precisa dele.
- **A Ama**: a confidente que traz o recado e, no fim, aconselha o que Julieta não pode aceitar.
- **Capuleto**: o pai que, no começo, diz que o consentimento dela pesa mais que a vontade dele e que, depois da recusa, a ameaça de deserdar.
- **Páris**: o pretendente que ela despista com frases de duplo sentido.
- **Teobaldo**: o primo que ela chora e depois vê como fantasma.

## FREI LOURENÇO

### QUEM É

Frei Lourenço é um frade franciscano de Verona, confessor de **Romeu** (que o chama de pai espiritual) e de **Julieta**. Colhe ervas ao amanhecer e sabe que a mesma planta pode dar veneno e remédio. É quem casa os dois, quem arma o plano da poção e quem chega tarde demais à tumba.

### TRAJETÓRIA

Na **cena 3 do Ato II**, medita sobre os poderes e os perigos das ervas quando Romeu aparece, sem ter dormido. Estranha que ele tenha esquecido Rosalina tão depressa e lembra que o amor dos moços mora nos olhos e não no coração, mas aceita casá-los, na esperança de que a união reconcilie as duas casas, e o manda ir devagar.

*“Wisely and slow; they stumble that run fast.”, com sabedoria e devagar; tropeçam os que correm depressa (II.3)*

#### Ato II: O jardim e o casamento

Na **cena 6 do Ato II**, antes da cerimônia, pede ao céu que o ato não traga tristeza depois e avisa que os prazeres violentos têm fins violentos, e que o mel mais doce enjoa pelo próprio sabor. Aconselha moderação e leva os dois à igreja.

*“These violent delights have violent ends, / And in their triumph die”, estes prazeres violentos têm fins violentos, e morrem no próprio triunfo (II.6)*

#### Ato II: O jardim e o casamento

Na **cena 3 do Ato III**, conta a Romeu que o Príncipe o poupou da morte e o baniu, e chama o banimento de misericórdia; Romeu o chama de tortura e rejeita a filosofia que o frade oferece. Quando Romeu saca a espada, o frei o repreende (diz que ele tem lágrimas de mulher e fúria de fera) e lista o que lhe resta: Julieta vive, **Teobaldo** o teria matado e foi morto, a lei que ameaçava de morte o fez exilado. Arma o plano: passar a noite com Julieta, partir antes de a ronda ser posta e ir a Mântua até poder anunciar o casamento e reconciliar as famílias.

Na **cena 1 do Ato IV**, ouve Páris falar do casamento marcado para quinta-feira e diz, à parte, que gostaria de não saber por que o casamento deveria ser adiado. Julieta ameaça se matar, e ele propõe a poção que a fará parecer morta por quarenta e duas horas, com uma carta para avisar Romeu.

Na **cena 5 do Ato IV**, quando a casa descobre a noiva morta, consola os pais com palavras sobre o céu e diz que está melhor casada a que morre casada jovem; manda secar as lágrimas e organiza o cortejo, sabendo que ela vive.

Na **cena 2 do Ato V**, sabe por Frei João que a carta não chegou: o outro frade foi trancado numa casa suspeita de peste. Vê o perigo, pede uma alavanca e vai sozinho à tumba, onde Julieta acordará em poucas horas; pretende escrever de novo a Romeu e escondê-la na cela.

Na **cena 3 do Ato V**, chega tarde: Romeu e Páris estão mortos. Julieta acorda, e o frei, ouvindo a guarda, a chama para sair, promete entregá-la a um convento de freiras e foge sem ela. A guarda o prende com a alavanca e a pá, trêmulo e a chorar. Diante do Príncipe, conta tudo desde o casamento, diz que a Ama sabe dele e se oferece à lei: o Príncipe responde que sempre o teve por homem santo.

#### TEMAS QUE ENCARNA

O frei encarna uma virtude que o próprio texto diz que pode virar vício. Na **cena 3 do Ato II**, antes da chegada de Romeu, diz que a virtude vira vício quando mal aplicada; na **cena 6 do Ato II**, que os prazeres violentos têm fins violentos.

O plano dele nasce de uma boa razão, reconciliar as casas, e depende de uma pressa que ele critica nos outros. Ele pede paciência a Romeu, aos pais de Julieta e a ela mesma, mas o plano dele não dá tempo: o casamento sai no mesmo dia, a poção depende de uma carta que um frade não consegue entregar, e na tumba ele chega tarde e foge. O que fica da **cena 3 do Ato V** é um frei que, diante do Príncipe, se apresenta como o mais suspeito e o que menos podia fazer, e que oferece a própria vida à lei.

#### RELAÇÕES

- **Romeu**: o pupilo que ele repreende por ter amado Rosalina por doidice, casa no mesmo dia e impede de se matar, antes de o mandar a Mântua.
- **Julieta**: a confessada que o procura com uma faca na mão e que bebe a poção que ele preparou.
- **A Ama**: a única outra pessoa que sabe do casamento, segundo o frei diz ao Príncipe.
- **Capuleto**: o pai que o louva quando Julieta volta da confissão e a quem ele consola, na manhã das bodas, com palavras sobre o céu.
- **Páris**: o noivo que ele recebe na cela e que encontra morto na tumba.

## A AMA

#### QUEM É

A Ama é quem amamentou e criou **Julieta**: conta na **cena 3 do Ato I** que a desmamou no dia do terremoto, onze anos antes, e chama a menina de cordeirinha e de joaninha. É a confidente do casamento secreto e a mensageira entre os amantes.

A fala dela, cheia de digressões, graça e grosseria, é, em boa parte da peça, a prosa que contrasta com o verso dos amantes.

#### TRAJETÓRIA

Na **cena 3 do Ato I**, perde-se em lembranças da infância de Julieta enquanto a mãe tenta falar de casamento, e elogia **Páris** quando ele é apresentado.

Na **cena 5 do Ato I**, interrompe o beijo dos amantes para dizer a Julieta que a mãe a chama, e conta a Romeu que a mãe dela é a senhora da casa: é por ela que ele descobre que Julieta é uma Capuleto. Depois, a pedido de Julieta, vai saber o nome do desconhecido e volta com a notícia: Romeu, um Montéquio, filho único do grande inimigo.

Na **cena 4 do Ato II**, humilhada por **Mercúcio** na rua, cumpre mesmo assim o recado: avisa Romeu que levar Julieta a um paraíso de tolos seria um comportamento grosseiro, recebe dele a mensagem de que ela esteja à tarde na cela de Frei Lourenço e a ordem de esperar atrás do muro da abadia, onde o criado dele trará as cordas. Na saída, diz que Páris quer Julieta, mas que ela preferiria ver um sapo.

Na **cena 5 do Ato II**, faz Julieta esperar três horas e enrola antes de dar a resposta, entre queixas das costas e elogios a Romeu, mas por fim a manda à cela de Frei Lourenço, onde a espera um marido, e vai buscar a escada.

Na **cena 2 do Ato III**, chega com as cordas e, desnorteada, deixa Julieta crer que Romeu morreu. Só depois conta que foi Teobaldo, "o melhor amigo que tive", e que Romeu foi banido. Na **cena 3 do Ato III**, acha Romeu caído no chão e o manda levantar por Julieta, e entrega o anel.

Na **cena 5 do Ato III**, avisa os amantes ao amanhecer de que a mãe vem ao quarto. Quando Capuleto ataca a filha, defende Julieta diante dele e ouve do patrão que se cale. Mas, quando Julieta pede consolo, aconselha casar com Páris: Romeu está banido, Páris é mais bonito, Romeu é um pano de prato perto dele. Julieta jura que dali em diante a Ama e o coração dela serão dois.

Na **cena 3 do Ato IV**, é dispensada para a noite; na **cena 5 do Ato IV**, é a primeira a encontrar Julieta imóvel na cama, depois de tentar acordá-la com brincadeiras. Sai depois do lamento e não volta à peça: só é citada pelo frei, que diz ao Príncipe que ela sabe do casamento.

#### TEMAS QUE ENCARNA

A mesma pessoa que leva o recado do casamento, que defende Julieta diante do pai e que chora Teobaldo é quem, na hora em que Julieta mais precisa, diz que o segundo marido vale mais que o primeiro. Na **cena 4 do Ato II**, ela já tinha dito a Romeu que a moça preferiria ver um sapo a Páris.

A Ama pensa o casamento como acomodação prática, e é por isso que o afeto dela é real e não ajuda. Para Julieta, que já tinha se casado, ouvi-la repetir o que dizem a mãe e o pai é perder a última confidente, e o que a magoa é dito sozinha, depois de a Ama sair: o pecado maior da Ama é falar mal de Romeu com a mesma língua com que tantas vezes o elogiou.

#### RELAÇÕES

- **Julieta**: a menina que ela criou, e que a deixa de lado ao fim da **cena 5 do Ato III**.
- **Romeu**: o rapaz de quem ela desconfia no começo e a quem serve de mensageira.
- **Mercúcio**: o rapaz que a humilha na rua.
- **Teobaldo**: o que ela chora como o melhor amigo que teve.
- **Frei Lourenço**: o frade de quem ela admira o conselho e que depois a cita como cúmplice.
- **Capuleto**: o patrão a quem ela responde, e que a manda calar.
- **Páris**: o pretendente que ela elogia a Julieta, embora saiba que a moça o recusa.

## MERCÚCIO

### QUEM É

Mercúcio é amigo de **Romeu** e parente do Príncipe Escalo e de **Páris**, mas não pertence a nenhuma das duas casas rivais, e é por isso que a maldição dele cai sobre as duas. É a voz mais zombeteira do grupo: faz graça com o amor, com os duelistas de manual e com a Ama, e tem uma resposta pronta até para a própria ferida.

### TRAJETÓRIA

Na **cena 4 do Ato I**, a caminho do baile, tenta tirar Romeu da tristeza com zombaria, dizendo que estão queimando luz. Quando Romeu fala de um sonho, responde com o longo discurso da rainha Mab, a parteira das fadas que visita os sonhos de cada um: o amante sonha com amor, o advogado com honorários, o soldado com degolar estrangeiros. Romeu o interrompe, dizendo que ele fala de nada, e Mercúcio concorda que sonhos são filhos de um cérebro ocioso.

Na **cena 1 do Ato II**, convoca Romeu pela rua com zombarias grosseiras sobre Rosalina, sem saber que essa paixão já acabou.

Na **cena 4 do Ato II**, imagina Romeu "já morto, atravessado por um olho negro de moça", e pergunta se um homem assim enfrenta Teobaldo, que mandou um desafio à casa dele; descreve Teobaldo como o capitão das cortesias, que luta como quem canta, seguindo o compasso, e despeja a sua irritação sobre os que se preocupam mais com as formas novas de falar e de esgrimir do que com o essencial. Quando Romeu volta a trocar trocadilhos com ele, Mercúcio o saúda: agora sim é Romeu. Logo depois humilha a Ama com insinuações grosseiras.

Na **cena 1 do Ato III**, num dia quente, Benvólio quer evitar encrenca, e Mercúcio responde com uma lista de brigas absurdas que o próprio Benvólio já arrumou, por tosse na rua e por sapato amarrado com fita velha. Quando Teobaldo chega, Mercúcio pede uma palavra e um golpe; quando Teobaldo o acusa de andar em companhia de Romeu, responde que companhia é coisa de menestréis e mostra o arco do seu violino: a espada. Teobaldo chama Romeu de vilão, Romeu recusa o duelo, e Mercúcio chama a recusa de "submissão calma, desonrosa, vil" e saca a espada no lugar dele.

Ferido sob o braço de Romeu, que se meteu entre os dois para apartar, diz primeiro que é um arranhão, "não tão fundo quanto um poço nem tão largo quanto a porta de uma igreja, mas basta". Diz que, se perguntarem por ele no dia seguinte, o acharão um homem grave. Pergunta a Romeu por que se meteu entre os dois, e Romeu responde que pensou fazer o melhor. Pede a Benvólio que o leve para dentro de uma casa e repete a praga sobre as duas casas. Morre fora de cena, e é Benvólio quem traz a notícia.

“A plague o’ both your houses”, que a peste leve as duas casas de vocês (III.1)

Ato III: Mercúcio, Teobaldo e o banimento

### TEMAS QUE ENCARNA

Mercúcio trata tudo como brincadeira, até a própria ferida: um arranhão, um homem grave, "comida de vermes". A zombaria dele cobre o amor de Romeu, a rainha Mab, Teobaldo e a Ama, e a única vez em que ele deixa de brincar é ao amaldiçoar as duas casas.

A morte de Mercúcio é a dobradiça da peça: até a **cena 1 do Ato III**, quase tudo cabe em piada, e depois dela a peça vira outra coisa. Quem paga é alguém que não é Montéquio nem Capuleto, e a praga dele, lançada de fora, antecipa o que o Príncipe dirá no fim: que perdeu dois parentes, Mercúcio e Páris, por ter fechado os olhos ao ódio das casas.

#### RELAÇÕES

- **Romeu**: o amigo que ele quer de volta à graça e por quem morre num duelo que Romeu recusou.
- **Benvólio**: o companheiro de rua, a quem ele chama de brigão enquanto a briga se arma, e que traz a notícia da morte dele.
- **Teobaldo**: o duelista que ele ridiculariza como capitão das cortesias e que o mata.
- **A Ama**: o alvo da zombaria dele na rua, na cena em que ela procura Romeu.
- **Páris**: o parente que Romeu, ao reconhecê-lo morto na tumba, chama de parente de Mercúcio.

## TEOBALDO

#### QUEM É

Teobaldo é sobrinho de **Capuleto**, que ele chama de tio, e primo de **Julietta**. É o duelista da casa: **Mercúcio** o descreve como o capitão das cortesias, que luta como quem canta, seguindo o compasso, e o chama de rei dos gatos. Diz odiar a palavra paz como odeia o inferno.

#### TRAJETÓRIA

Na **cena 1 do Ato I**, chega à briga quando **Benvólio** já está tentando apartar os criados, desafia-o. Benvólio diz que só mantém a paz, e Teobaldo responde que odeia a palavra como odeia o inferno, todos os Montéquio e o próprio Benvólio; a briga começa; o Príncipe Escalo ameaça de morte quem perturbar de novo as ruas.

Na **cena 5 do Ato I**, reconhece pela voz um Montéquio e quer matá-lo ali mesmo; Capuleto pergunta se é o jovem Romeu, e Teobaldo confirma. Capuleto o contém, elogia Romeu e chama Teobaldo de menino atrevido, e Teobaldo sai jurando que a intrusão de agora, doce na aparência, vai virar fel. Na **cena 4 do Ato II**, manda um desafio à casa de Romeu.

Na **cena 1 do Ato III**, procura Romeu na praça e o chama de vilão, e Romeu recusa o duelo. Quando Mercúcio toma o desafio para si, Teobaldo o fere com um golpe sob o braço de Romeu e foge. Volta logo depois, com Mercúcio morto, e é morto por Romeu.

A morte dele define as cenas seguintes. Na **cena 2 do Ato III**, a Ama o chama de o melhor amigo que teve, e Julietta, que chora o primo, conclui que o marido vive e que a palavra banido pesa mais. Na **cena 4 do Ato III**, Capuleto marca o casamento de Julietta com Páris em festa pequena, por respeito ao morto. Na **cena 3 do Ato IV**, Julietta, sozinha com o frasco, imagina o corpo de Teobaldo ainda fresco na tumba e vê o fantasma dele procurando Romeu. Na **cena 3 do Ato V**, ao deitar Páris no jazigo, Romeu fala com o corpo de Teobaldo: pergunta que favor maior poderia lhe fazer do que, com a mesma mão que o matou, cortar a vida do inimigo dele, e lhe pede perdão.

#### TEMAS QUE ENCARNA

Teobaldo não aceita um Montéquio na festa dos Capuleto nem quando o dono da casa manda deixá-lo em paz, e o motivo que dá é o nome, um Montéquio, nosso inimigo, e a suposta zombaria da festa.

Teobaldo é a violência da honra. A lealdade dele é à casa, e na cena do baile ele a põe acima da palavra do próprio chefe da casa. Capuleto o contém, mas só adia: o juramento de fel se cumpre na **cena 1 do Ato III**. A ironia é que o golpe que ele dá, em Mercúcio, vai ferir quem não é da rixa, e a vingança que Romeu toma dele fecha de uma vez o futuro dos amantes.

#### RELAÇÕES

- **Capuleto**: o tio, que o contém no baile e o honra, depois da morte, com uma festa de casamento pequena.
- **Julieta**: a prima, que o chora e vê o fantasma dele antes de beber a poção.
- **Romeu**: o inimigo, que ele chama de vilão, e que o mata e lhe pede perdão na tumba.
- **Mercúcio**: o rival de espada, que o ridiculariza e é ferido por ele.
- **Benvólio**: o primeiro que ele desafia, na briga de rua.
- **A Ama**: a que lamenta nele o melhor amigo que teve.

## CAPULETO

#### QUEM É

Capuleto é o chefe da casa dos Capuleto, pai de **Julieta** e tio de **Teobaldo**. É o patriarca que protege a vontade da filha numa cena e a ameaça noutra, e a peça o mostra mandando a filha calar na hora em que ela pede para falar.

#### TRAJETÓRIA

Na **cena 1 do Ato I**, chega à briga pedindo a espada comprida, e a mulher lhe diz que o que ele precisa é uma muleta. O Príncipe Escalo o ameaça de morte, e a Montéquio também, se voltarem a perturbar a paz.

Na **cena 2 do Ato I**, diz a **Páris** que Julieta, sem catorze anos, ainda é nova, e que ele deve primeiro conquistar o coração dela.

*“woo her, gentle Paris, get her heart, / My will to her consent is but a part”, conquiste-a, gentil Páris, ganhe o coração dela: a minha vontade é só uma parte do consentimento dela (I.2)*

#### Ato I: A rixa e o baile

Convida Páris para o baile daquela noite. Na **cena 5 do Ato I**, recebe os convidados e, quando Teobaldo quer matar Romeu ali, contém-no: diz que Verona se orgulha do rapaz, que o tem por virtuoso e bem governado, e pergunta a Teobaldo quem é o dono da casa.

Na **cena 4 do Ato III**, tarde da noite, diz a Páris que não houve tempo de falar com a filha, enlutada por Teobaldo, mas que se sente seguro de que ela o obedecerá, e fixa o casamento para a quinta-feira, em festa pequena, por respeito ao morto.

Na **cena 5 do Ato III**, quando a mulher lhe diz que Julieta recusa, explode: manda que a filha vá à igreja na quinta ou nunca mais lhe olhe o rosto, manda a Ama calar a boca e diz que, se ela não for dele, que mendigue, passe fome e morra na rua. Na **cena 2 do Ato IV**, quando Julieta, de joelhos, pede perdão, adianta o casamento para a manhã seguinte e passa a noite cuidando da festa, com o coração leve por ter a filha emendada.

Na **cena 5 do Ato IV**, acha a filha fria e diz que a morte é o seu genro.

“Death is my son-in-law, death is my heir”, a morte é meu genro, a morte é meu herdeiro. (IV.5)

#### Ato IV: A poção da morte aparente

Na **cena 3 do Ato V**, chega à tumba, vê a filha morta com a adaga e diz que a adaga se enganou: a bacia dela está vazia nas costas de Montéquio. Estende a mão a Montéquio, e os dois prometem estátuas de ouro, de Julieta e de Romeu.

#### TEMAS QUE ENCARNA

O mesmo homem que diz que a vontade dele é só uma parte do consentimento da filha ameaça-a de rua e de fome quando o consentimento não vem. Na **cena 5 do Ato I**, protege **Romeu**; na **cena 3 do Ato V**, só estende a mão a Montéquio diante dos mortos.

Capuleto mostra a Família como autoridade que muda de tamanho segundo a conveniência, e no baile protege Romeu também para a festa não se desfazer. O pai de Julieta nunca age por maldade declarada: apressa o casamento para consolar a filha e a ameaça por achar ingrata. É essa mistura de cuidado e mando que a poção explora, porque ele acredita no que quer ver, a filha reconciliada, e só vem a saber do que se passava por trás quando o frei conta tudo, diante dele, na tumba.

#### RELAÇÕES

- **Julieta**: a filha única, de quem ele diz primeiro querer o consentimento e depois exige a obediência.
- **Páris**: o genro que ele escolhe e a quem apressa o casamento.
- **Teobaldo**: o sobrinho que ele repreende no baile e cuja morte usa para justificar a festa pequena.
- **A Ama**: a criada que ele manda calar quando ela defende Julieta.

## PÁRIS

#### QUEM É

Páris é o conde que pede a mão de **Julieta**, parente de **Mercúcio** e do Príncipe Escalo, que o conta, no fim, entre os parentes que perdeu. Chega com o aval de Capuleto e com a pressa dele, e se comporta como o noivo que a regra pede: respeitoso, sem forçar a conversa com a noiva enlutada, atento ao frei. A peça não o faz vilão: só o põe no caminho de um casamento que já aconteceu.

#### TRAJETÓRIA

Na **cena 2 do Ato I**, pede Julieta a **Capuleto**, que diz que ela ainda é nova; Páris responde que mais novas que ela são mães felizes. Recebe o convite para o baile daquela noite. Na **cena 3 do Ato I**, a mãe de Julieta o apresenta como o pretendente.

Na **cena 4 do Ato III**, na casa de Capuleto, diz que tempos de luto não afinam com cortejo e que gostaria que a quinta-feira marcada fosse já no dia seguinte.

Na **cena 1 do Ato IV**, diz ao frei que tem falado pouco de amor com Julieta porque ela chora o primo sem medida, e que Capuleto apressa o casamento para secar essas lágrimas. Quando Julieta chega, ele a chama de sua senhora e sua esposa, e ela responde com frases de duplo sentido. Na **cena 5 do Ato IV**,

vai com músicos buscar a noiva e a encontra morta: lamenta-se com uma enfiada de palavras, enganado, divorciado, ultrajado.

Na **cena 3 do Ato V**, vai de noite à tumba de Julieta, manda o pajem vigiar e espalha flores. Vê Romeu arrombar a tumba, supõe que ele vem profanar os corpos por vingança e o enfrenta. Romeu pede que fuja, a luta acontece mesmo assim, e Páris cai pedindo para ser deitado ao lado de Julieta. Romeu o reconhece, chama-o de parente de Mercúcio e cumpre o pedido.

#### TEMAS QUE ENCARNA

Páris nunca chega a saber o que o público sabe: lê as lágrimas de Julieta como luto pelo primo, acha que as bodas a consolarão e, na tumba, supõe um Montéquio vindo profanar a morta.

É uma das mortes mais imerecidas da peça: Páris não faz nada contra os amantes além de querer se casar com ela, e é morto por quem, antes de o matar, lhe pede que fuja. Romeu o chama, ao deitá-lo na tumba, de companheiro no livro das desgraças, numa compaixão que chega tarde.

#### RELAÇÕES

- **Julieta**: a noiva que ele corteja sem a conhecer e vela morta sem saber que ela vive.
- **Capuleto**: o futuro sogro, que apressa as bodas e o chama de filho no dia do luto.
- **Frei Lourenço**: o confessor de Julieta, a quem ele deixa a sós com ela na cela, por respeito à devoção.
- **Romeu**: o rival que ele não sabe que é rival e que o mata na tumba.
- **Mercúcio**: o parente, cuja ligação com ele Romeu lembra ao reconhecê-lo.

## BENVÓLIO

#### QUEM É

Benvólio é sobrinho de Montéquio e primo de **Romeu**. É o que tenta separar as brigas e o primo a quem Romeu acaba contando o que sofre por Rosalina. A peça o usa também como testemunha: é a voz que conta ao Príncipe o que aconteceu, e conta bem.

#### TRAJETÓRIA

Na **cena 1 do Ato I**, tenta apartar os criados e é desafiado por **Teobaldo**; depois, diante de Montéquio, relata a briga e conta ter visto Romeu no bosque ao nascer do dia. Sozinho com o primo, ouve que ele ama quem jurou castidade e aconselha esquecê-la.

Na **cena 2 do Ato I**, propõe a cura: ir ao baile dos Capuleto, onde estará Rosalina, e comparar o rosto dela com o de outras moças. É por causa dele que Romeu vai à festa em que encontra **Julieta**.

Na **cena 4 do Ato I**, acompanha a máscara de Romeu e **Mercúcio** e, depois que Romeu interrompe o discurso da rainha Mab, diz que o vento do qual Mercúcio fala os sopra para longe de si e que a ceia já terminou.

Na **cena 1 do Ato II** e na **cena 4 do Ato II**, procura Romeu com Mercúcio, descobre que ele não dormiu em casa e sabe do desafio de Teobaldo, mas diz que Romeu responderá ao dono da carta.

Na **cena 1 do Ato III**, quer fugir da briga num dia quente, e Mercúcio o descreve como um brigão. Mercúcio ferido pede que o ajude a entrar numa casa; Benvólio volta para dizer a Romeu que ele morreu e, depois que Romeu mata Teobaldo, manda-o fugir. Conta tudo ao Príncipe, e a Senhora Capuleto diz que a afeição o faz falso, por ser parente de Montéquio; o Príncipe bane Romeu em vez de condená-lo à morte. Depois dessa cena, ele não volta à peça.

#### TEMAS QUE ENCARNA

Benvólio é a tentativa de paz sem poder. As primeiras palavras dele na rua são para separar, as da **cena 1 do Ato III** são para sair antes da briga, e em nenhuma das duas a violência cede.

Benvólio é quem mais cedo vê o que vai dar: tenta tirar Romeu da tristeza, tenta evitar a briga e depois conta ao Príncipe, com exatidão, o que aconteceu. Em cada caso a peça lhe nega efeito: Romeu não esquece, Mercúcio não recua, e o relato exato é recebido pela Senhora Capuleto como parcialidade de parente.

#### RELAÇÕES

- **Romeu**: o primo a quem aconselha esquecer, e que manda fugir.
- **Mercúcio**: o amigo que o chama de brigão, que ele ajuda a entrar numa casa e que morre fora de cena.
- **Teobaldo**: o primeiro a desafiá-lo, na briga de rua.

# SÍMBOLOS

---

## A POÇÃO DE FREI LOURENÇO

### O QUE É

O líquido destilado que **Frei Lourenço** entrega a **Julieta** num frasco na **cena 1 do Ato IV**: bebido na cama, faz o corpo parecer morto por quarenta e duas horas, de modo que levem Julieta ao jazigo da família enquanto uma carta avisa **Romeu**. Ele é anunciado antes, na **cena 3 do Ato II**, quando o frei colhe ervas ao amanhecer e medita sobre o veneno e o remédio que cada planta guarda.

### ONDE APARECE

Na **cena 3 do Ato II**, Frei Lourenço colhe ervas e fala do veneno e do remédio que cada planta guarda, e diz que a virtude vira vício quando mal aplicada.

Na **cena 1 do Ato IV**, Julieta ameaça se matar, e o frei propõe a poção. Ela aceita.

*“Be not so long to speak. I long to die, / If what thou speak’st speak not of remedy.”, não demores a falar: anseio por morrer, se o que dizes não for um remédio. (IV.1)*

### Ato IV: A poção da morte aparente

Na **cena 3 do Ato IV**, Julieta, sozinha, enumera o que pode dar errado: a poção falhar, ser veneno, ou ela acordar na cripta antes de Romeu chegar. Vê o fantasma de Teobaldo e bebe.

*“Romeo, Romeo, Romeo, here’s drink! I drink to thee.”, Romeu, Romeu, Romeu, aqui está a bebida! Bebo a ti. (IV.3)*

### Ato IV: A poção da morte aparente

Na **cena 5 do Ato IV**, a Ama encontra Julieta imóvel e a casa a leva por morta. O frei, que sabe do plano, consola os pais com palavras sobre o céu e organiza o cortejo.

Na **cena 2 do Ato V**, a carta com o plano não chegou a Romeu: Frei João foi trancado numa casa suspeita de peste. Lourenço sabe que Julieta acordará em poucas horas e vai sozinho à tumba.

*“Poor living corse, clos’d in a dead man’s tomb.”, pobre cadáver vivo, trancado na tumba de um morto. (V.2)*

### Ato V: A tumba e a reconciliação

Na **cena 3 do Ato V**, quando Julieta acorda, Romeu já bebeu o veneno do Boticário, e o frei, ao contar tudo aos pais, explica a poção como um sono que fez efeito.

### O QUE SIGNIFICA

Dois sentidos saem do conjunto. O primeiro é o da ambivalência anunciada na cena das ervas: a mesma substância serve de remédio ou de dano conforme o uso, e a poção que livra Julieta do casamento com Páris contribui para que ela morra. O segundo é o da informação: o plano do frei depende de uma carta, e na **cena 2 do Ato V** a carta não chega. O líquido funciona, o aviso falha.

A poção é o ponto em que a peça mais se aproxima de dar aos amantes uma saída, e é ali que a entrega a um intervalo de informação. Quem a bebe é Julieta, sozinha, depois de dispensar a Ama e a mãe, sem ninguém que possa dizer por ela se o frei acertou.

#### RELAÇÕES

- Temas-padrão: Morte, Destino e livre-arbítrio, Amor.
- Personagens: **Frei Lourenço**, que a concebe, **Julieta**, que a bebe, e **Romeu**, que não recebe o aviso.
- Símbolos vizinhos: **O jazigo dos Capuleto**, onde o efeito deveria acabar.

## A LUZ E A NOITE

#### O QUE É

A oposição entre claridade e escuridão que a peça distribui em tochas, sol, lua, estrelas e no canto da cotovia e do rouxinol. Os amantes se encontram de noite, e o dia traz a rixa, a lei e a despedida.

#### ONDE APARECE

Na **cena 1 do Ato I**, Montéquio conta que o filho foge da luz do dia e se tranca no quarto, como se fizesse para si uma noite artificial.

Na **cena 4 do Ato I**, a caminho do baile, Romeu se recusa a dançar e quer só carregar a tocha. Pressente, nas estrelas, alguma consequência pendente.

*“my mind misgives / Some consequence yet hanging in the stars”, meu espírito pressente alguma consequência ainda pendurada nas estrelas (I.4)*

#### Ato I: A rixa e o baile

Na **cena 5 do Ato I**, ao ver Julieta no baile, Romeu diz que ela ensina as tochas a arder e que ela pende da face da noite como uma joia.

Na **cena 2 do Ato II**, Romeu vê a luz na janela e chama Julieta de sol; a noite é o manto que o esconde dos Capuleto, e Julieta compara o pacto deles a um relâmpago que some antes de alguém dizer "relampeja".

Na **cena 2 do Ato III**, Julieta invoca a noite para que Romeu venha, e pede que, quando morrer, ele seja cortado em estrelas, para que o mundo se apaixone pela noite e deixe de adorar o sol.

Na **cena 5 do Ato III**, os amantes discutem se o que se ouve é o rouxinol ou a cotovia, a noite ou o dia; quando a luz cresce, a dor cresce junto.

*“It was the nightingale, and not the lark”, era o rouxinol, e não a cotovia (III.5)*

#### Ato III: Mercúcio, Teobaldo e o banimento

Na **cena 3 do Ato V**, Romeu leva uma tocha ao cemitério, e Páris manda o pajem apagar a dele para não ser visto; Romeu chama o jazigo de lanterna cheia da luz da beleza de Julieta. No fim, o Príncipe diz que o sol, de tristeza, não mostrará a cabeça.

#### O QUE SIGNIFICA

A noite é o abrigo dos amantes: esconde o nome, o rosto e o muro, e permite o diálogo do jardim. O dia é o lado das famílias e da lei: nele se luta, se bane e se despede. A luz aparece também como beleza, nas tochas que Julieta ensina a arder, e como aviso, nas estrelas de que Romeu desconfia antes do baile.

Os dois só existem juntos enquanto dura a noite, e a peça mede o tempo por esse limite: cada manhã, na **cena 5 do Ato III**, é uma ameaça. No jazigo, a luz volta a ser deles, mas só depois que o dia já não pode separá-los.

#### RELAÇÕES

- Temas-padrão: Amor, Paixão, Destino e livre-arbítrio.
- Personagens: **Romeu**, **Julieta**, **Benvólio**.
- Símbolos vizinhos: **O jazigo dos Capuleto**, onde a luz e a morte se encontram.

## O JAZIGO DOS CAPULETO

#### O QUE É

O monumento da família Capuleto, que **Frei Lourenço** chama de antigo jazigo e que **Julieta**, na **cena 3 do Ato IV**, descreve como o receptáculo onde há centenas de anos repousam os ossos dos antepassados. É para lá que levam a noiva que parece morta, e é lá que os amantes morrem.

#### ONDE APARECE

Na **cena 1 do Ato IV**, o frei explica o plano: Julieta será levada ao antigo jazigo da família, e ele e Romeu estarão lá quando ela acordar.

Na **cena 3 do Ato IV**, Julieta teme acordar sufocada no jazigo, antes de Romeu chegar, entre ossos e com Teobaldo ainda fresco no sepulcro.

Na **cena 5 do Ato IV**, a casa se prepara para o cortejo até o túmulo.

“Death is my son-in-law, death is my heir”, a morte é meu genro, a morte é meu herdeiro. (IV.5)

#### Ato IV: A poção da morte aparente

Na **cena 1 do Ato V**, Baltasar conta a Romeu que o corpo de Julieta dorme no monumento dos Capuleto e que ele a viu deitada no jazigo dos parentes.

Na **cena 2 do Ato V**, Lourenço vai sozinho ao túmulo, onde Julieta acordará.

“Poor living corse, clos'd in a dead man's tomb.”, pobre cadáver vivo, trancado na tumba de um morto. (V.2)

#### Ato V: A tumba e a reconciliação

Na **cena 3 do Ato V**, Páris morre diante do monumento, Romeu o deita lá dentro, bebe o veneno ao lado de Julieta, e ela se mata com a adaga dele. É diante do jazigo que as famílias se reconciliam.

“See what a scourge is laid upon your hate, / That heaven finds means to kill your joys with love!”, vede que flagelo foi lançado sobre o vosso ódio, já que o céu encontra meio de matar as vossas alegrias

com o amor! (V.3)

#### Ato V: A tumba e a reconciliação

#### O QUE SIGNIFICA

O jazigo é o lugar onde a casa guarda os mortos, e a peça o faz lugar de encontro: Romeu, filho do inimigo, entra no monumento dos Capuleto para morrer ao lado de Julieta, e as duas casas vêm a ele para fazer a paz. É também o lugar do desencontro, porque o frei chega tarde e a carta não chegou.

O único espaço que a rixa deixa aos três jovens é o da morte da casa dos Capuleto: Páris pede para ser deitado ao lado de Julieta, Romeu cumpre, e é Capuleto que, no fim, promete a Romeu um monumento igual ao de Julieta. A lanterna cheia de luz de Romeu e o antigo jazigo de ossos de Julieta descrevem o mesmo lugar, e a peça deixa as duas imagens lado a lado.

#### RELAÇÕES

- Temas-padrão: Morte, Família, Amor.
- Personagens: Julieta, Romeu, Páris, Frei Lourenço, Capuleto.
- Símbolos vizinhos: A poção de Frei Lourenço, que leva Julieta até lá, e A luz e a noite.

# DISCUSSÕES

---

## A OBRA INTEIRA

O Prólogo chama os amantes de estrela contrária e, no Ato V, Romeu desafia as estrelas: o que as cenas mostram de decisão e o que mostram de acaso?

Entre as famílias, o Príncipe, o frei e os próprios amantes, quem responde pelo que acontece na tumba?

Frei Lourenço adverte que tropeçam os que correm depressa: a pressa é dos amantes ou do mundo em volta deles?

No Ato I, Capuleto diz que a vontade dele é só parte do consentimento de Julieta; no Ato III, exige obediência. O que mudou entre uma cena e outra?

Por que a reconciliação das casas só chega com a morte dos filhos?

## ATO I: A RIXA E O BAILE

*Por que dois criados se arriscam numa briga que é dos patrões?*

*Como Julieta responde ao interesse de Páris, e que espaço de decisão ela parece ter?*

*Romeu diz que só agora viu a verdadeira beleza, depois de tanto sofrer por Rosalina: é um amor diferente ou apenas outro objeto para o mesmo desejo?*

## ATO II: O JARDIM E O CASAMENTO

*Julieta acha que o nome de Romeu não é parte dele: o que o nome de uma família significa para quem nasce nela?*

*Frei Lourenço aceita casar os jovens pela esperança de pôr fim à rixa das famílias: é razão suficiente para um casamento feito às pressas?*

*Na hora de casar os dois, o frei fala de prazeres violentos que acabam em violência: Romeu e Julieta parecem ouvi-lo?*

## ATO III: MERCÚCIO, TEOBALDO E O BANIMENTO

*Romeu recusa o primeiro desafio de Teobaldo e aceita o segundo. O que mudou entre um momento e outro?*

*Frei Lourenço chama o banimento de misericórdia, e Romeu o chama de tortura. Quem tem razão, a partir do que cada um sabe e sente?*

*Capuleto, a mãe e a Ama reagem de modos diferentes à recusa de Julieta. O que cada reação mostra sobre o lugar dela na casa?*

## ATO IV: A POÇÃO DA MORTE APARENTE

*Julieta diz ao frei que prefere a faca a casar com Páris: o que o frei enxerga nessa disposição, e o que ele faz com ela?*

*Antes de beber, Julieta passa dos medos práticos para visões de horror: o que essa passagem diz do estado em que ela está?*

*Por que o Frei Lourenço consola os pais com palavras sobre o céu, se sabe que Julieta vive?*

#### **ATO V: A TUMBA E A RECONCILIAÇÃO**

*Romeu decide voltar a Verona no mesmo instante em que ouve a notícia: o que ele sabe e o que não sabe nesse momento?*

*Romeu pede a Páris que fuja, e a luta acontece mesmo assim: o que a peça mostra de cada um nessa cena?*